

TRANSFORMAÇÕES NO CONSUMO LITERÁRIO: O AUDIOLIVRO ALÉM DA LEITURA TRADICIONAL

TRANSFORMATIONS IN LITERARY CONSUMPTION: AUDIOBOOKS BEYOND TRADITIONAL READING

Tatiana Klebis Bovo Duarte

Mestranda em Letras - Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5287814825321262>

E-mail: tatiana.kb@unitins.br

Liliane Scarpin S. Storniolo

Professora Doutora da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6709515414849559>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8865-8453>

E-mail: liliane.ss@unitins.br

Resumo: O audiolivro, como um formato de mídia, evoluiu ao longo do tempo, desde suas origens no conceito de livro falado, até se consolidar como uma ferramenta acessível e inclusiva no cenário literário contemporâneo. Com o avanço das tecnologias de áudio e as plataformas de streaming, os audiolivros tornaram-se uma alternativa válida à leitura tradicional, ampliando o acesso à literatura. Este estudo analisa o papel do audiolivro na democratização do acesso ao conhecimento, destacando sua relevância não apenas como uma substituição da leitura convencional, mas como um meio que potencializa o consumo literário. Ao integrar vozes humanas e tecnologias de inteligência artificial, o audiolivro transforma a experiência de leitura, criando novas formas de interação com o conteúdo literário. A pesquisa também discute como os audiolivros contribuem para o cenário cultural contemporâneo, refletindo mudanças no comportamento do consumidor e o impacto das inovações tecnológicas na forma como o público consome conteúdo literário.

Palavras-chave: Audiolivro. Leitura. Tecnologia.

Abstract: Audiobooks, as a media format, have evolved over time, from their origins as talking books to their establishment as an accessible and inclusive tool in the contemporary literary landscape. With the advancement of audio technologies and streaming platforms, audiobooks have become a valid alternative to traditional reading, expanding access to literature. This study analyzes the role of audiobooks in democratizing access to knowledge, highlighting their relevance not only as a replacement for conventional reading but also as a medium that enhances literary consumption. By integrating human voices and artificial intelligence technologies, audiobooks transform the reading experience, creating new ways of interacting with literary content. The research also discusses how audiobooks contribute to the contemporary cultural landscape, reflecting changes in consumer behavior and the impact of technological innovations on the way audiences consume literary content.

Keywords: Audiobooks. Reading. Technology.

Introdução

O audiolivro, uma das formas mais inovadoras de mediação literária, tem se consolidado como uma ferramenta essencial para a inclusão social e o acesso à cultura. De acordo com Rubery (2016), sua história remonta ao século XIX, quando começou a ser utilizado como uma solução para pessoas com deficiência visual, possibilitando o acesso à literatura de uma maneira até então inédita. Contudo, com o passar dos anos, o audiolivro expandiu suas funções, tornando-se uma forma de leitura acessível a uma audiência mais ampla, incluindo indivíduos com dificuldades de leitura, como dislexia, e aqueles que simplesmente buscam uma forma de consumo literário mais flexível e conveniente. Gonçalves e Nascimento Silva (2024) ressaltam a sua importância na democratização do acesso à informação e à cultura, destacando que plataformas digitais como Audible e Storytel não apenas tornam o conteúdo literário acessível, mas também promovem uma maior diversidade de ofertas, refletindo as necessidades e preferências de diferentes públicos.

A crescente popularização do audiolivro nas plataformas digitais, como a distribuição através de dispositivos móveis e assistentes virtuais, tem ampliado ainda mais sua função inclusiva. As multiplataformas permitem que os usuários acessem uma vasta gama de títulos de forma fácil e conveniente, superando barreiras geográficas e físicas. No Brasil, por exemplo, o uso de plataformas como a Ubook e a Leitura oferece uma variedade de conteúdos literários que atendem a diferentes perfis de consumidores, facilitando o acesso a livros em formato de áudio tanto para deficientes visuais quanto para um público mais amplo, incluindo jovens e adultos (Gonçalves & Nascimento Silva, 2024).

O avanço da inteligência artificial (IA) também tem impactado diretamente o mercado de audiolivros, permitindo a criação de vozes sintéticas mais naturais e emocionais, e abrindo novas possibilidades para a produção e personalização de narrativas. Casanova et al. (2023) destacam que as tecnologias de síntese de fala, como as redes neurais WaveNet, têm proporcionado uma nova dimensão à leitura de textos, permitindo que vozes artificiais capturem nuances de tom e pausas, anteriormente limitadas aos narradores humanos. Essas inovações não só reduzem custos de produção, mas também ampliam a acessibilidade a audiolivros, permitindo que mais pessoas possam desfrutar de conteúdos literários de forma personalizada e adaptada às suas necessidades.

Este artigo discorre que o papel do audiolivro na sociedade vai além da simples substituição da leitura tradicional, destacando sua relevância como ferramenta de inclusão cultural e educacional. Para examinar a evolução do audiolivro, suas diferentes plataformas de distribuição, e o impacto da tecnologia na criação de uma experiência de leitura acessível foi utilizada a revisão de bibliografia que, conforme Lakatos e Marconi (2003), não se limita a simplesmente reproduzir informações previamente registradas, mas oferece a possibilidade de explorar um tema sob uma nova ótica, permitindo o surgimento de descobertas inovadoras.

O artigo foi estruturado abordando um breve histórico do audiolivro, a distinção entre os termos audiolivro e livro falado, as multiplataformas de distribuição, e as vozes naturais versus a mecanização da voz. Este estudo reforça a ideia de que o audiolivro desempenha um papel transformador na sociedade moderna, não apenas como um meio alternativo de consumo literário, mas também como uma ferramenta de inclusão e acessibilidade cultural.

Do livro ao audiolivro

Desde os primórdios da humanidade histórias foram contadas oralmente, seja ao redor de fogueiras, para transmitir uma mensagem ou um ensinamento, para crianças antes de dormirem, nas escolas ou mesmo em rodas de amigos. Porém, foi apenas no final do século XIX, que Thomas Edison reproduziu pela primeira vez a voz humana em um dispositivo mecânico, gravando a canção de ninar *Mary Had a Little Lamb* em seu fonógrafo.

A adoção de novas tecnologias, conforme observado por Rubery (2016), leva a uma reavaliação das tecnologias já estabelecidas, que passam a enfrentar questionamentos sobre sua relevância. Esse cenário evidencia tanto as vantagens quanto as desvantagens de cada meio. A introdução da gravação sonora, por exemplo, suscitou um debate profundo sobre o futuro do livro

já naquela época e que perdura até os dias atuais.

Rubery (2016) destaca que o surgimento das gravações de palavras faladas desafiou a antiga proeminência do livro impresso, marcando um retorno à tradição oral e inaugurando uma nova fase na evolução da literatura. O fonógrafo, como pioneiro na reprodução mecânica de textos, ampliou significativamente o acesso à literatura, beneficiando tanto os curiosos quanto aqueles com deficiências visuais ou sem acesso a materiais impressos. Esse avanço proporcionou uma experiência literária distinta, na qual a voz real do autor ou de um narrador, ao invés da voz imaginada pelo leitor, passou a ter destaque, transformando a experiência do ouvinte.

Ainda segundo o autor, Edison idealizou os chamados livros fonográficos como uma forma de preservar a voz humana e permitir que o texto fosse acessado por meio da audição, uma inovação voltada especialmente para pessoas com deficiência visual. Ele sugeriu que o fonógrafo poderia ser utilizado para registrar livros inteiros, permitindo que os ouvintes “lessem” sem o esforço físico da leitura tradicional. Essa ideia vislumbrava um futuro onde o som complementaria ou substituiria o texto escrito, ampliando as possibilidades de acesso ao conhecimento.

A previsão de Thomas Edison de livros fonográficos que poderiam ser ouvidos em situações nas quais a leitura convencional era impraticável sublinhou a transformação na forma de consumo da literatura. Isso, como aponta Rubery (2016), ressaltou o valor da palavra falada e reconfigurou a experiência narrativa, tornando-a mais acessível e inclusiva. Porém, havia limitações para que o livro fonográfico fosse popularizado, como a possibilidade de gravar apenas poucos minutos e o custo elevado para produção.

Foi somente anos mais tarde, em 1934, com a introdução da *talking book machine* para pessoas cegas, que se ampliou significativamente o conceito do que hoje conhecemos como audiolivros. Gonçalves e Nascimento Silva (2023) explicam que a *talking book machine* era um aparelho que reproduzia audiolivros por meio de grandes discos de vinil. Ainda nessa mesma época, iniciou-se a comercialização de audiolivros, principalmente direcionados a soldados que retornavam da guerra com cegueira total ou parcial. Entre os principais textos verbalizados em gravações estavam a Bíblia, a Declaração da Independência Americana e sonetos de William Shakespeare.

Em 1935, como aponta Rubery (2016), na Inglaterra foram gravados os primeiros romances destinados a pessoas com deficiência visual, dos autores Agatha Christie, Joseph Conrad, John Buchan, George Bernard Shaw e William Thackeray. Nos anos seguintes, entidades focadas na inclusão de deficientes visuais como *The American Foundation for the Blind* e o *Royal National Institute for the Blind* passaram a trabalhar em colaboração para desenvolver uma biblioteca específica para audiolivros.

Na década de 1950, duas amigas, Barbara Holdridge e Marianne Roney, fundaram uma das primeiras editoras dedicadas a produção de livros gravados, a *Caedmon Records*. Nessa época, já era possível gravar os livros em discos de vinil, o que dava margem para produções mais longas. As colegas de faculdade, de acordo com Rubery (2016) tinham um grande desafio pela frente, uma vez que a maioria das pessoas associava os audiolivros apenas como ferramentas para deficientes visuais. As duas acreditavam que existia um mercado latente para outros públicos e isso ficou comprovado pelo sucesso das suas publicações que também traziam nomes já consagrados na época como T. S. Eliot, Ernest Hemingway e Robert Frost.

Em 1963 as fitas K-7 surgiram e, com elas, os termos *audiocassetes* e *audiobooks* foram introduzidos. Rubery (2016) aponta que durante as décadas de 1970 e 1980, esses audiolivros gravados em fitas se tornaram populares em bibliotecas, livrarias e através de serviços de envio por correio, impulsionando editoras como *Books on Tape*, *Recorded Books* e *Books in Motion*. A portabilidade das cassetes fez delas uma escolha popular entre os leitores, sendo amplamente usadas até a chegada do CD na década de 80. O CD, com sua capacidade de gravar obras extensas, rapidamente ganhou popularidade, superando as vendas de discos de vinil e fitas. Na mesma década, grandes editoras como HarperCollins, Random House e Simon & Schuster começaram a publicar literatura gravada. Até o início dos anos 1990, o termo *audiobook* não era padronizado, mas em 1994, a *Audio Publishers Association* oficializou como o termo padrão. Nos anos 2000, os audiolivros passaram a ser disponibilizados na internet em formato MP3, aumentando sua popularidade devido à facilidade de uso e flexibilidade.

No Brasil, segundo Barbosa (2017) é difícil identificar registros de audiolivros antes de 1950. Nessa década, porém, o jornalista Irineu Garcia criou o Selo Festa que incluía em seu acervo, além de músicas e registros sonoros, obras literárias que incluíam não apenas a narração, como também efeitos sonoros. Algumas dessas obras foram *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, com música de Tom Jobim e com a interpretação do grupo de teatro Paulo Autran e poemas de João Cabral de Melo Neto, narrados pelo próprio autor. Na década seguinte,

[...] a gravadora Continental, de São Paulo, levaria até às crianças clássicos da literatura infantil mundial e contos brasileiros, com a “Coleção Disquinho”. Sob a direção do compositor Carlos Alberto Ferreira Braga, o Braguinha (ou João de Barro), a companhia lançou discos compactos (e coloridos) com histórias musicadas, com narração de Sônia Barreto, Nelly Martins e outros – e que também compunham histórias – e personagens interpretados pelo elenco do Teatro Disquinho. Até o final dos anos 80, foram cerca de 70 discos, incluindo títulos como “Estória da dona Baratinha” (1960), “As aventuras do Saci Pererê” (1970), “Aladim e a Lâmpada maravilhosa” (1983), entre outros. [...] Ainda na década de 60, mais especificamente entre 1965 e 1966, além das radionovelas, o rádio brasileiro também foi espaço para recitações de curtas obras literárias, como o quadro “Cinco minutos com Paulo Autran”, na Rádio Eldorado AM, de São Paulo, em que o ator interpretava trecho de poemas como “Receita de Mulher”, de Vinicius de Moraes; trecho da peça “Otelo”, de William Shakespeare; além de poemas e crônicas de Carlos Drummond de Andrade. Duas décadas depois, produziu-se uma coletânea de algumas dessas interpretações em LP (Barbosa, 2017, pg. 238/239).

Desde então, como salienta Gonçalves e Nascimento Silva (2024), os audiolivros passaram a ser gravados e disponibilizados em diversas tecnologias, sendo hoje um objeto digital sonoro vinculado à plataforma na qual é distribuído, abrindo muitas possibilidades de expansão. Embora alguns ainda sejam encontrados em CDs e até mesmo em fitas cassetes, a maioria é distribuída pela internet, através de downloads ou serviços de *streaming*, acessíveis por meio de *sites* e aplicativos móveis, que são os formatos mais atuais no mercado.

O narrador e o leitor

A tecnologia sempre acompanhou o desenvolvimento dos audiolivros, desde sua concepção através do fonógrafo de Edison até a possibilidade de ouvir livros nos aparelhos de celular. A amplitude que as mídias proporcionam, expandem o universo criativo literário e se reflete na maneira com que esses livros chegam até o leitor ouvinte, desde os livros falados até os audiolivros. Sem dúvida, a popularização da internet facilitou o acesso a literatura ouvida, abrindo um leque de possibilidades e plataformas onde as pessoas podem ter acesso a catálogos cada vez maiores de títulos. Essa mesma tecnologia insere o ser humano em um mundo cada vez mais conectado e veloz, no qual as pessoas não querem, ou podem perder tempo. Nesse sentido, os audiolivros ganham cada vez mais espaço, pois permitem que outras atividades sejam desenvolvidas concomitantemente com suas audioleituras, como dirigir o carro e fazer exercícios físicos.

Um ponto importante a ser destacado é que, apesar de audiolivro e livro falado serem comumente utilizados como sinônimos, existem diferenças conceituais e práticas que devem ser observadas. A princípio, a maior diferença entre os termos se refere à acessibilidade. Tal distinção pode ser observada quando Schittine (2022) explica que, editorialmente o livro falado é criado para um público com deficiência visual, seguindo regras de acessibilidade e complementando o sistema Braille, sendo isento de direitos autorais por lei.

No Brasil, a legislação garante a acessibilidade de pessoas com deficiência visual ao conhecimento e à cultura por meio de dispositivos como a Lei de Direitos Autorais (Lei nº 9.610/1998) e a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015). A Lei de Direitos Autorais permite a reprodução de obras em formatos acessíveis, como livros falados, desde que seja sem fins lucrativos e destinado exclusivamente a pessoas cuja deficiência impeça o acesso aos formatos convencionais, conforme ampliado pelo Tratado de Marraqueche, incorporado ao ordenamento jurídico pelo Decreto nº 9.522/2018. Complementando, a Lei Brasileira de Inclusão, em seu artigo 42, estabelece a responsabilidade do Estado, da sociedade e das empresas em assegurar que obras culturais sejam disponibilizadas em formatos acessíveis, promovendo igualdade de oportunidades e inclusão.

Em contraste, como aponta Schittine (2022), os audiolivros com um propósito comercial, atendem a leitores que não precisam de acessibilidade específica, mas possuem um perfil multitarefa e revela um público que valoriza a portabilidade e a conveniência, permitindo a leitura em movimento e com as mãos livres.

O livro falado comporta várias regras que devem ser observadas justamente pelo seu objetivo de acessibilidade. Entre elas, destaca Schittine (2022) estão a de ser uma leitura sem dramatização, bem pontuada, clara, com a fala inclusive de pontos de formatação, como parênteses, aspas, soletração de termos estrangeiros e notas de rodapé. Já os audiolivros tem uma maior versatilidade e liberdade na sua produção, admitindo efeitos sonoros, narrações dramatizadas e múltiplos narradores.

Nesse sentido, Bernstein (2011), argumenta que a evolução dos audiolivros em suas diversas formas digitais, não se resume apenas à adaptação de conteúdo textual para novas mídias. Em vez disso, destaca a importância de criar e adotar novas características que se adequem ao contexto contemporâneo, como a experiência inovadora integrando não apenas a narração textual, mas também efeitos sonoros que enriquecem a compreensão do ouvinte ao combinar diferentes percepções cognitivas durante a audição.

Considerando que o audiolivro se trata de uma mídia sonora, a voz do narrador se torna um elemento central para o desenvolvimento do livro. No impresso, as palavras, a construção da escrita, a fluidez das ideias e as emoções expressas pelas frases que serão lidas transportam o leitor para um mundo totalmente diferente do vivenciado em seu cotidiano, lhe permitindo criar em sua própria cabeça uma voz, ou vozes, que façam sentido com sua leitura. Quando esse livro sai das folhas impressas e entra no mundo sonoro, o leitor precisa de outro meio para ter acesso ao conteúdo: a voz do narrador.

Como já explanado, nos livros falados a intenção é que essa voz seja a mais neutra possível, para permitir que o ouvinte tenha a possibilidade de criar em sua própria mente todas as vozes necessárias para sua imersão. Essa forma tem o seu foco voltado muito mais na acessibilidade do que na experiência sensorial. Já o audiolivro traz uma nova dimensão para essa leitura, apresentando entonações diversas na leitura, dramatizações, músicas de fundo e efeitos sonoros que despertam e instigam o ouvinte a ter uma experiência mais imersiva.

Como observado, tanto em um quanto em outro tipo de literatura sonora, o narrador é peça fundamental, como enfatiza Schittine quando afirma que

A voz do narrador vai ser a porta de entrada para o livro e, mais do que isso, o que vai ganhar a atenção do leitor e provocar sua imersão. Escolher essa voz é uma tarefa bem difícil e dela depende boa parte do sucesso de um audiolivro. [...] Alguns fatores são determinantes para que o conteúdo seja ressaltado e para que o ouvinte se sinta confortável e desafiado a prosseguir a leitura. Não é necessário apenas ter uma boa voz, mas uma voz que combine com o conteúdo do livro e seja clara, expressiva e enfática nos trechos que são necessários (SCHITTINE, 2022, pg. 262/263).

Assim, é fundamental considerar a influência que a qualidade vocal exerce sobre a experiência do ouvinte pois, a voz narrativa não apenas transmite o conteúdo textual, mas também afeta profundamente a interpretação e o envolvimento emocional do público, além de facilitar o

acesso ao conhecimento literário de maneira democrática. A entonação, o ritmo e a expressividade vocal são elementos que permitem ao narrador não apenas captar a atenção do ouvinte, mas também transmitir nuances emocionais e interpretativas que enriquecem a narrativa e podem, ou não, ser complementadas por efeitos sonoros.

Dessa forma, a capacidade da voz narrativa assume o papel de criar uma atmosfera imersiva e envolvente permitindo que os audiolivros não se limitem a reproduzir o texto escrito, mas utilizem recursos vocais para transportar o ouvinte para dentro da narrativa, criando uma experiência sensorial que vai além das palavras. Nesses casos, efeitos sonoros, pausas estratégicas e modulações vocais são técnicas utilizadas para intensificar a atmosfera narrativa e manter o interesse do público ao longo da audição. A voz desempenha um papel multifacetado na produção de audiolivros, não apenas como meio de transmissão textual, mas como um instrumento poderoso para a interpretação, inclusão e imersão narrativa.

As multiplataformas do audiolivro

Como Rubery (2016) explana, historicamente, os audiolivros eram distribuídos em formatos físicos como fitas cassete, CDs e discos de vinil. Esses meios permitiam que os ouvintes tivessem acesso a conteúdos narrados, embora com limitações significativas. As fitas cassete ofereciam uma experiência auditiva, mas estavam sujeitas ao desgaste físico e a problemas como a quebra da fita. Os CDs melhoraram a qualidade do som, mas ainda exigiam dispositivos específicos para serem ouvidos e tinham uma capacidade limitada de armazenamento. Antes dessas tecnologias, os discos de vinil ofereciam uma forma rudimentar de audiolivros, embora fossem volumosos e frágeis. Em contraste, os audiolivros contemporâneos são predominantemente distribuídos digitalmente, acessíveis por meio de *smartphones*, *tablets*, computadores e dispositivos de áudio portáteis. A transição para o digital eliminou a necessidade de suportes físicos, permitindo um acesso mais fácil, com qualidade superior e uma maior portabilidade, uma vez que o conteúdo não precisa mais ser fixado em um suporte físico.

Essa evolução tecnológica trouxe um impacto significativo na forma como os audiolivros são consumidos e apreciados. A digitalização, segundo Gonçalves e Nascimento Silva (2024), não apenas democratizou o acesso, mas também aumentou exponencialmente a disponibilidade e variedade de títulos. Com plataformas de *streaming* e serviços de assinatura, como Audible, Storytel, Skeelo, Audi Books, Tocalivros, Google Play Books e outros, os usuários podem explorar vastas bibliotecas com apenas alguns cliques. A conveniência do formato digital também impulsionou a popularidade dos audiolivros, tornando-os uma escolha viável para uma gama mais ampla de consumidores, incluindo aqueles com deficiência visual, dislexia ou outras dificuldades de leitura. Além disso, a possibilidade de integração com assistentes de voz, como Alexa e *Google Assistant*, e a facilidade de sincronização entre dispositivos contribuem para uma experiência de usuário mais fluida e integrada.

As vantagens do acesso digital são numerosas e significativas. Primeiramente, a portabilidade digital permite que os usuários levem uma biblioteca inteira em seus dispositivos móveis ou hospedem os conteúdos em servidores digitais, acessíveis a qualquer momento e lugar. Isso é particularmente útil em situações de mobilidade, como durante deslocamentos, viagens ou atividades físicas, momento no qual ler um livro físico seria impraticável, maximizando o aproveitamento do tempo. A função de ajuste de velocidade de reprodução, disponível na maioria das plataformas, também permite personalizar a experiência auditiva de acordo com as preferências individuais, aumentando a acessibilidade e a conveniência. O advento do acesso digital aos audiolivros representa uma transformação que proporciona uma combinação ímpar de acesso, conveniência e personalização.

Um ponto interessante a ser observado é que os audiolivros modernos não estão mais restritos a plataformas dedicadas exclusivamente à literatura auditiva. Hoje eles podem ser acessados em uma variedade de mídias, ampliando seu alcance e acessibilidade. As plataformas de áudio e *podcast*, como Spotify e Apple Podcasts, têm se destacado como vetores de distribuição de audiolivros, oferecendo uma ampla gama de títulos, permitindo que os usuários descubram

novos audiolivros ao lado de suas músicas e *podcasts* favoritos. A integração de audiolivros em plataformas de *streaming* de áudio facilita o acesso e a descoberta, oferecendo uma experiência contínua e conveniente para os usuários. Além disso, a possibilidade de criar *playlists* personalizadas e receber recomendações baseadas no histórico de audição contribui para uma experiência mais personalizada e envolvente.

No caso específico do Spotify, segundo dados do próprio site, desde 2022 a plataforma começou a oferecer uma seção dedicada exclusivamente a audiolivros, iniciando nos Estados Unidos com um catálogo de 300.000 títulos e chegando ao Brasil em 2024. Essa estratégia é fortalecida pelo modelo de recomendação algorítmica da plataforma, que sugere conteúdos com base no comportamento do usuário. Assim, um ouvinte de um *podcast* sobre literatura, por exemplo, pode ser direcionado a audiolivros de ficção ou ensaios literários relacionados ao tema. Essa funcionalidade não apenas amplia a visibilidade dos audiolivros, mas também promove uma experiência personalizada que estimula o consumo contínuo.

Outro ponto relevante é a criação de *playlists* temáticas que podem misturar *podcasts*, músicas e trechos de audiolivros, o que transforma a experiência auditiva em algo dinâmico. Para os autores, isso representa uma oportunidade única de *marketing*, pois o mesmo ambiente onde se ouvem músicas e *podcasts* pode se tornar um espaço para a descoberta de suas obras. Ferramentas de autopublicação e monetização oferecidas por algumas plataformas permitem que escritores publiquem diretamente suas obras, democratizando ainda mais o acesso à publicação e distribuição.

Além do potencial comercial, a disseminação de audiolivros via *streaming* desempenha um papel importante na promoção da acessibilidade. Pessoas com deficiência visual, dislexia ou outras limitações que dificultam a leitura de textos tradicionais podem acessar obras literárias de forma inclusiva. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, existem mais de 2 bilhões de pessoas no mundo com algum tipo de deficiência visual que poderiam se beneficiar do uso de audiolivros como alternativa para leitura. A disponibilidade desses títulos em plataformas amplamente acessadas aumenta exponencialmente o impacto social do formato.

As plataformas audiovisuais, como YouTube, também desempenham um papel significativo na disseminação de audiolivros. Muitos criadores de conteúdo utilizam o YouTube para compartilhar leituras de livros completos, trechos ou análises de audiolivros. A natureza visual e interativa do YouTube permite que os ouvintes comentem, discutam e compartilhem suas opiniões sobre os audiolivros, criando uma comunidade engajada em torno desse formato. Além disso, a acessibilidade gratuita do YouTube torna os audiolivros disponíveis para um público mais amplo, incluindo aqueles que podem não ter acesso a plataformas pagas. Essa democratização do acesso contribui para a popularização dos audiolivros e incentiva o hábito da leitura, mesmo que auditiva, em diferentes segmentos da população.

As redes sociais, como Instagram e TikTok, também emergiram como canais inovadores para a promoção e o acesso a audiolivros. No Instagram, por exemplo, influenciadores e perfis dedicados à literatura compartilham recomendações de audiolivros, resenhas e até mesmo trechos narrados, utilizando recursos como *Reels* e *Stories* para alcançar seus seguidores. TikTok, com sua natureza dinâmica e voltada para vídeos curtos, permite que criadores compartilhem trechos de audiolivros, promovam lançamentos e até realizem leituras ao vivo. Essas plataformas sociais permitem que os audiolivros alcancem audiências mais jovens e diversificadas, que podem não frequentar as plataformas tradicionais. A interação e o engajamento nessas redes sociais criam um ambiente onde a literatura auditiva é constantemente promovida e discutida, fomentando uma cultura de apreciação e acesso aos *audiobooks*.

Todo esse ecossistema digital integrado oferece inúmeras vantagens, como a portabilidade, a flexibilidade e a personalização, tornando os audiolivros uma opção atraente e prática para o consumo de literatura em qualquer lugar e a qualquer momento, para um público amplo, fortalecendo o princípio de acessibilidade.

As vozes do audiolivro – humano versus máquina

O avanço tecnológico no campo da inteligência artificial (IA) tem promovido transformações significativas na indústria dos audiolivros, principalmente ao alterar o papel das narrativas humanas e ao incentivar o uso de vozes mecanizadas. O desenvolvimento de assistentes virtuais como a Alexa da Amazon exemplifica a aplicação dessa tecnologia, permitindo que livros adquiridos no Kindle sejam lidos em voz alta por sistemas de IA. Esses sistemas utilizam técnicas avançadas de síntese de fala que, por meio de modelos de aprendizado profundo, buscam simular as características prosódicas da fala humana, como entonação, ênfase e pausas, proporcionando uma experiência auditiva mais acessível e eficiente para os ouvintes (Huang et al., 2019).

As vozes criadas por IA evoluíram consideravelmente desde os primeiros sintetizadores vocais, que possuíam um tom mecânico e limitado. De acordo com Van Den Oord (2016), o desenvolvimento de redes neurais convolucionais, como a WaveNet, projetada pela Google DeepMind, representou um marco importante, pois essa tecnologia permite a criação de áudio a partir de amostras de som, em vez de apenas concatenar fragmentos de fala gravados. Essa abordagem inovadora possibilitou que as vozes geradas artificialmente captassem nuances emocionais e variações tonais que antes eram exclusivas da narração humana. Ferramentas oferecidas por empresas como Microsoft e ElevenLabs também possibilitam a personalização dessas vozes sintéticas, adaptando-as ao gênero literário ou ao perfil do público-alvo, agregando valor ao conteúdo e oferecendo, segundo Garcia (2023), opções mais flexíveis para editoras que buscam reduzir os custos de produção de audiolivros, que, tradicionalmente, envolvem despesas significativas com narradores profissionais.

No entanto, apesar dos avanços no uso de vozes sintéticas, a narração humana continua a desempenhar um papel central na produção de audiolivros, especialmente em obras literárias ou biográficas, onde a interpretação emocional é crucial para a experiência do ouvinte. Garcia (2023) observa que a narração humana é frequentemente associada a uma maior autenticidade e à criação de uma conexão emocional mais forte com o ouvinte, especialmente em gêneros como romances e biografias, que exigem uma sensibilidade interpretativa que as vozes artificiais, embora em constante evolução, ainda não conseguem replicar completamente. Segundo o autor, estudos sobre as preferências dos consumidores indicam que a voz humana continua sendo preferida em determinados contextos, associada a uma experiência mais genuína e envolvente.

Esse contraste entre a mecanização e a humanização das vozes levanta questões éticas e culturais relevantes. Como aponta Garcia (2023), enquanto a automação da narração democratiza o acesso à criação de audiolivros, ela também impõe desafios, como a diminuição das oportunidades para narradores humanos. Artistas experientes, que desempenham um papel fundamental na criação de atmosferas emocionais específicas através de suas interpretações, podem ver suas oportunidades de trabalho reduzidas à medida que a IA se torna mais prevalente na indústria. Esse dilema reflete uma tensão mais ampla entre inovação tecnológica e práticas culturais estabelecidas, evidenciando a necessidade de um equilíbrio entre as vantagens da automação e a preservação da diversidade de interpretações no campo da narração.

Além disso, os avanços em tecnologias de conversão de texto em fala (TTS), como as redes neurais profundas, possibilitaram a criação de vozes artificiais que não só imitam a fala humana com maior precisão, mas também reproduzem as sutilezas emocionais do discurso, como entonações, inflexões e pausas. Segundo Casanova et al. (2023), as redes neurais, como a WaveNet e o Tacotron, utilizam amostras de som e dados de prosódia para gerar áudio mais fluido e expressivo. Essas inovações não apenas melhoraram a fluidez da fala, mas também permitiram uma modulação mais dinâmica da voz sintetizada, proporcionando uma narração mais envolvente e capaz de refletir as emoções contidas no texto original. No entanto, como evidenciado em estudos, a capacidade das vozes artificiais de replicar a profundidade emocional de uma interpretação humana ainda é limitada, especialmente em narrativas que exigem uma conexão afetiva mais intensa.

Embora os sistemas de TTS com IA possam fornecer uma alternativa mais acessível e eficiente para a criação de audiolivros, a presença de um narrador humano permanece insubstituível em termos de proporcionar uma interpretação mais rica e emocionalmente engajada. Esses avanços tecnológicos, portanto, abrem novas possibilidades para a produção de audiolivros, mas também desafiam as práticas tradicionais de narração e levantam questões sobre preservação da arte da

leitura interpretativa e do trabalho artístico dos narradores. Assim, o uso de IA na produção de audiolivros deve ser compreendido como uma ferramenta que complementa, mas não substitui, a importância da interpretação humana, especialmente quando se trata de obras literárias que exigem uma comunicação emocional mais profunda.

Considerações finais

Na sociedade contemporânea, o audiolivro, desempenha um papel transformador no consumo literário mostrando sua relevância além da mera substituição da leitura tradicional, e se estabelecendo como uma alternativa válida e acessível que contribui significativamente para a democratização do acesso à cultura. Disponibilizado em plataformas digitais de *streaming*, o audiolivro elimina barreiras geográficas e socioeconômicas, permite que uma diversidade de indivíduos, incluindo aqueles com limitações de tempo ou dificuldades de leitura, tenham acesso aos conteúdos literários, educacionais e culturais. Esse formato, não só expande as possibilidades de consumo literário, mas também amplia os horizontes de fruição cultural para públicos antes marginalizados.

Dessa forma, o audiolivro se configura como uma ferramenta de inclusão social e educacional, sobretudo para pessoas com deficiência visual ou outras condições que dificultam a leitura convencional, permite que esses indivíduos participem do universo literário de forma equânime. No contexto educacional, essa modalidade de consumo literário tem se mostrado eficaz para atender a diferentes estilos de aprendizagem, potencializando a absorção de conteúdo por meio da ampliação das formas de acesso à informação.

Em paralelo, o conceito do “livro falado”, que remonta às tradições orais e à prática de leitura em voz alta, ganha nova forma no formato do audiolivro. Enquanto o livro falado preserva o caráter humano da narração, o audiolivro contemporâneo, muitas vezes aliado à tecnologia, possibilita uma experiência mais acessível, diversificada e sensorial, adequando-se às necessidades de um público amplo. Esse elo entre a oralidade e a tecnologia estabelece uma continuidade da tradição literária, ao mesmo tempo que se adapta às demandas da sociedade moderna, promove a inclusão de diferentes grupos sociais no acesso ao saber e à cultura.

No entanto, o avanço das tecnologias de inteligência artificial (IA), aplicadas à narração de audiolivros, levanta um dilema pertinente entre automação e interpretação humana. Embora as vozes sintéticas, resultantes de modelos de IA, apresentem melhorias notáveis em termos de realismo e expressividade, há uma limitação inerente a essas tecnologias na reprodução das sutilezas emocionais e interpretativas que uma narração humana pode proporcionar. Gêneros literários que demandam uma maior carga emocional, como romances ou biografias, continuam a ser preferidos pelos ouvintes em sua versão narrada por humanos, que, por sua sensibilidade interpretativa, conseguem estabelecer uma conexão mais profunda e autêntica com o público.

Nesse sentido, as tecnologias baseadas em IA não devem ser vistas como uma ameaça ao papel dos narradores humanos, mas sim como ferramentas complementares que ampliam as possibilidades de produção e distribuição de audiolivros. Ao possibilitar a redução de custos e a democratização da criação de conteúdo, a IA contribui para a acessibilidade ao permitir que editoras e autores publiquem obras com maior flexibilidade e alcance. No entanto, para que essa automação seja aplicada de maneira a respeitar e preservar o valor da narração humana, é fundamental reconhecer a importância da interpretação na criação de uma experiência auditiva rica e envolvente.

Assim, o audiolivro, bem como o livro falado, não se limita à função de substituir a leitura tradicional, mas se estabelece como um agente transformador na sociedade contemporânea, promove a inclusão e a acessibilidade cultural. Sua contribuição para a democratização do consumo literário, aliada à capacidade de proporcionar novas formas de acesso e fruição de conteúdos, destaca-se como uma inovação essencial no campo da literatura. Contudo, a coexistência entre a automação tecnológica e a preservação da interpretação humana no processo de narração é um aspecto fundamental para garantir que o audiolivro continue a desempenhar seu papel de disseminação cultural, sem abrir mão da autenticidade e profundidade que caracterizam a arte da narração.

Referências

- BARBOSA, Rafael de Oliveira. Ouvidos para ler: contextualizando audiolivro, leitura e entretenimento. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 6, n. 01, 2017. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6072/3569>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- BERNSTEIN, Charles. Foreword. In Rubery, Matthew. (ed.) **Audiobooks, Literature, and Sound Studies**. Taylor & Francis. 2011.
- CASANOVA, Edresson et al. Capítulo 3 Recursos para o processamento de fala. **Processamento de linguagem natural: conceitos, técnicas e aplicações em português**, 2023. Disponível em: <https://brasileiraspln.com/livro-pln/1a-edicao/parte2/cap3/cap3.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- GARCIA, Jaimeson Machado et al. O audiolivro e a inteligência artificial “leitora”: fronteiras intermediárias. **Liinc em Revista**, v. 19, n. 1, p. e6295-e6295, 2023.
- GONÇALVES, Suellen Souza; NASCIMENTO SILVA, Patrícia. Audiolivros, origem e evolução: breve revisão de literatura. In S.M. Cardama, D.L. Arias, & M.L.P. Valentim (Eds.), Aportaciones españolas y portuguesas a la iConference 2023, evento híbrido, 13-17/27-29 de marzo del 2023, **Acta, Advanced Notes in Information Science**, volume 5 (pp. 100-115). Pro-Metrics: Tallinn, Estonia. 2023.
- GONÇALVES, Suellen Souza; NASCIMENTO SILVA, Patrícia. Plataformas de Audiolivros no Brasil: perspectivas e percepções. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 20, p. 1–27, 2024. Disponível em: <https://rbdb.febab.org.br/rbdb/article/view/1968>. Acesso em: 5 jun. 2024.
- HUANG, Jiawei. et al. *Deep Learning for Speech Synthesis. Proceedings of the 2019 IEEE International Conference on Acoustics, Speech and Signal Processing (ICASSP)*, 6765–6769. 2019.
- Lakatos, Eva Maria; Marconi, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas. 2023.
- Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015)**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 14 nov. 2024.
- Lei de Direitos Autorais – Lei nº 9.610/1998**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm#:~:text=1%C2%BA%20Esta%20Lei%20regula%20os,tratados%20em%20vigor%20no%20Brasil. Acesso em: 14 nov. 2024.
- Organização Mundial da Saúde – World Report of Vision (2019) – Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/world-report-on-vision>. Acesso em: 14 nov. 2024.
- RUBERY, Matthew. **The Untold Story of the Talking Book**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. 2016.
- SCHITTINE, Denise. Audiolivros: desafios de produção, voz do narrador e público-leitor. **Scripta**, v. 26, n. 56, p. 256-269, 2022.
- Tratado de Marraqueche - **Decreto nº 9.522/2018**. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/d9522.htm. Acesso em: 14 nov. 2024.
- VAN DEN OORD, Aaron et al. **Wavenet**: A generative model for raw audio. arXiv preprint arXiv:1609.03499, v. 12, 2016.

Recebido em: 28 de julho de 2025
Aceito em: 09 de agosto de 2025